

58. Educação sexual

O grande impulso para a moderna educação sexual foi a revolução sexual de que o Maio de 1968 é um dos múltiplos componentes. Um dos seus *slogans* era: «Libertem a palavra e libertareis o sexo.» Percebeu-se, então, que a erotização que tinha invadido a vida contemporânea levava a um precoce despertar da sexualidade, sem que, entretanto, o homem se tivesse educado sexualmente. Era indispensável libertá-lo dos tabus a que sempre estivera preso, mas essa libertação teria de ser acompanhada pela criação de normas orientadoras do seu comportamento sexual. Apesar do grande papel que a sexualidade tem na vida, até há duas décadas não havia praticamente educação sexual e era banida toda a referência ao sexo. Um pudor hipócrita e mal compreendido dominava as conversas na família e na escola, e a técnica da educação sexual era o silêncio. As crianças adquiriam conhecimentos trocando informações entre si, o pai soltava, de vez em quando, alguma máxima solene, especialmente de alerta contra o perigo venéreo, e a mãe, no próprio dia do casamento, sussurrava ao ouvido da filha alguns conselhos de submissão e de resignação.

Aceite como necessidade imperiosa uma boa educação sexual — segundo a Organização Mundial de Saúde uma boa informação sobre sexualidade parece atrasar o começo das relações sexuais —, os problemas que a seguir se levantam são: a sua técnica específica, a avaliação dos resultados obtidos e o seu futuro.

Em que idade se deve iniciar a educação sexual?

Com exagero, ou talvez não, diz-se que a informação sexual começa logo depois do nascimento, acompanhando as primeiras sensações da

sexualidade oral. Seja como for, pensa-se que quanto mais cedo, melhor. Se se vai esperar pelas perguntas, as respostas pretendidas atingirão o alvo tarde demais.

Isto porque a criança pressente os tabus sexuais e é por eles amordaçada o que atrasa ou cala as perguntas. Entretanto, construirá as suas fantasias ou irá informar-se com os companheiros, tão ignorantes como ela, o que trará perturbação e confusão. Já Piaget dizia que a toda a pergunta corresponde sempre uma resposta imaginária.

As interrogações acerca da sexualidade surgem na criança muito antes da idade escolar.

Alguns pensam, porém, que o ensino sobre a sexualidade não deve começar muito cedo, porque isso pode levar as crianças a encararem a esfera sexual de uma forma excessivamente racional e fisiológica — o que lhes provocaria, mais tarde, como adultos, uma atitude materialista perante a sexualidade. Por outro lado, o ensino entre os 4 e os 5 anos, devido às naturais barreiras de verbalização e de compreensão, corre o risco de levar a criança a fazer associações grosseiras, que não têm nada a ver com a realidade. Por isso, o ensino nesta idade terá de ser muito simples e muito atento ao aparecimento destes erros, que devem ser imediatamente desfeitos.

Há anos, a educação sexual limitava-se à anatomia e à fisiologia genitais. Depois, alongou-se para a reprodução: a fecundação, a gestação, o parto. Esta visão era incompletíssima. No entanto, não desapareceu de todo.

Na realidade, as crianças precisam e querem saber mais. Querem conhecer a genitalidade antes e durante a puberdade; o mecanismo e a sequência do aparecimento dos sinais sexuais secundários; os processos íntimos que levam à menstruação e à ejaculação; os meios de contraceção; o aborto; o fenómeno social que é a prostituição; a epidemiologia e a clínica das doenças de transmissão sexual; e, finalmente, os mecanismos do prazer e a história natural das relações sexuais.

Os jovens querem mais informações acerca do «porquê» das relações sexuais de que do «como». Não se deve ter medo de falar de prazer, dando-lhes até exemplos familiares das carícias trocadas entre os pais — o que nem sempre é fácil na nossa cultura, pela falta de naturalidade e de à-vontade dos pais nesse campo. Deve-se, também,

falar do seu próprio prazer, que ele já descobriu, fazendo-lhe sentir que nesse prazer não existe nada de inconfessável ou de pecaminoso.

Deve-se vincar, também, desde as primeiras informações sobre o prazer, que toda a vida sexual está intimamente ligada ao amor e que não há prazer completo se não houver amor recíproco. As crianças devem ser educadas na ideia de que o amor é um sentimento profundo, que só através dele se poderão encontrar as alegrias da vida sexual, e que, ao contrário dos animais, o homem domina os seus instintos e só ele pode associar à sexualidade o amor, o afecto e a inteligência.

No que diz respeito à reprodução, tem sido clássico ensiná-la partindo das flores, passando depois pelos animais, para chegar ao homem. A propósito e criticando esta técnica, A. S. Neill cita o caso de uma criança que corava quando se lhe falava de pólen. Hoje, a tendência é começar pelo homem e pela mulher e, deles, passar aos outros vertebrados, aos insectos, às plantas. A poesia não existe apenas nas flores, a beleza não existe apenas nas libélulas, a pureza não existe apenas nas andorinhas. Poesia, beleza, pureza existem também na sexualidade humana, e a ordem antes usada era já um reflexo do medo que havia em abordar.

O sexo e a reprodução no homem e na mulher são muito mais maravilhosos do que as histórias da cegonha, do anjo, da rosa ou da couve. Na realidade, parecem milagrosos os momentos do desabrochar do amor, da relação sexual, da fecundação, da gestação, do nascimento de um novo ser, do seu desenvolvimento, do despertar da puberdade, até que o ciclo recomeça no desabrochar de um novo amor. Apesar de maravilhoso, nas conversas sobre o sexo deve fugir-se a sublimá-lo em excesso, como se fosse algo de místico, de sagrado, de misterioso e encantado. Tudo, amor, sexo, prazer, são, afinal, fenómenos da vida, bem humanos, bem terrenos.

Quem deve ministrar a educação sexual?

O problema é complexo, mas, como Tolstoi afirmou algures, o principal é não esquecer que não se podem educar as crianças sem que antes se eduquem os educadores. Compreendido isto, o problema da educação ficará quase totalmente resolvido. Os pais transferem a responsabilidade da educação sexual para a escola, e a escola, muitas vezes, transfere-a para os pais. A igreja dá prioridade à família e secundariza a escola.

Realmente, ninguém é o educador fundamental, e o jovem deveria poder escolher aquele que no momento é o mais importante e lhe é mais útil.

Convém não esquecer que a função do educador não é dar directivas, mas sim ouvir e fazer pequenos comentários que orientem mas não substituam o poder de decisão final do jovem.

Os pais são, pela ordem natural das coisas, e cronologicamente, os primeiros educadores. Para isso, terão de ter numerosíssimos predicados, praticamente impossíveis de reunir numa só pessoa, tais como: saberem ouvir com a garantia do total sigilo; saberem vencer o seu próprio constrangimento; terem conhecimentos correctos sobre o assunto; serem capazes de nunca abdicar de empatia, de sinceridade e de honestidade; serem capazes de saltar o fosso das gerações; serem capazes de autocrítica e de elasticidade perante os valores adquiridos, numa sociedade em rápida evolução; saberem respeitar o jovem e também fazer-se respeitar, e nunca deixarem transparecer o menor sinal de troça; saberem desenvolver no jovem sentimentos de confiança e de amor-próprio; nunca fecharem o diálogo, de modo a que possa ser retomado à medida que a criança vai descobrindo o seu próprio sexo. Sem dúvida, as dificuldades dos pais são múltiplas: educados de uma forma estrita, ou, na maioria dos casos, sem terem recebido, nem na infância nem ao longo da vida, qualquer forma de educação sexual, eles têm os seus próprios preconceitos, que se arriscam a transmitir.

Depois, à medida que a criança cresce, a situação pode complicar-se. Se existe uma boa e franca relação com os pais e estes estão preparados, a educação sexual pode e deve continuar em casa, paralelamente com a escola. Muitas vezes, porém, isto não se dá. Nestes casos, e à menor abordagem, a criança responde: «Já sei tudo, não é preciso falar-me nisso.» Resposta em que se sente um misto de pudor e de agressividade. Então, os pais terão de se calar, por vezes de se calar para sempre.

Contudo, a sua missão não terminou. Eles podem — criando em casa um ambiente de afecto, ternura, amor, segurança e respeito — ser, pelo exemplo, a mais importante fonte de ensino sexual. Realmente, a sensação de plenitude de vida que nestas casas se respira substitui, com vantagem, tudo o que as palavras poderiam transmitir.

Infelizmente, casais que ofereçam aos filhos este quadro de vida familiar são raríssimos, se é que existem.

Por outro lado, é irreal admitir que respirar esta atmosfera de felicidade conjugal seria suficiente. Ela é o alicerce fundamental, mas, além disso, é necessário alguém que tenha o *know how* para a completar. É aqui que intervem a escola, e os jovens compreendem-no.

Na escola, a educação sexual deve obedecer a certas regras. O ideal será a organização de pequenos grupos, de modo a que todas as crianças se possam livremente exprimir; nos grupos deverá haver crianças de ambos os sexos e homogeneidade etária; as reuniões não deverão fatigar as crianças; deve ser estimulada a livre expressão de problemas pessoais, sem, no entanto, coarctar a discussão de assuntos teóricos; não se deve permitir que critérios religiosos ou legais condicionem totalmente as respostas; o animador da reunião deverá ter capacidade para estimular, sensibilizar e informar. Meios de comunicação audiovisual, como diapositivos e filmes, são utilíssimos.

Um dos aspectos que desperta mais interesse, por ser causa de grande ansiedade entre os jovens, é o das relações sexuais precoces. Aí, as reuniões mistas de rapazes e raparigas têm um valor inultrapassável. Dela nasce, pouco a pouco, um espírito de colaboração amigável e saudável; a destruição de mitos e fantasias acerca do sexo oposto; e uma maior sinceridade na análise sem disfarce do próprio comportamento nos encontros e nos namoros. São então examinados e discutidos os passos que vão do entrelaçar das mãos, aos beijos, às carícias mais profundas, às suas repercussões sobre o autodomínio e, por fim, às relações sexuais. As raparigas, na presença de outras raparigas, mais facilmente descobrirão a constante necessidade que as habita de viverem romances de amor e de provarem a si próprias e às outras que têm *sex-appeal*. E levada a análise um pouco mais longe, elas perceberão que esta necessidade é fruto de carências várias e de falta de confiança em si próprias, e que este estado de espírito as torna fáceis presas dos rapazes. Por sua vez, os rapazes, confrontados entre si, compreenderão que os *primum movens* que os leva a tentar possuir as raparigas é também fruto de insegurança: a necessidade de provarem a si próprios e aos outros a sua virilidade.

A educação sexual tem sido acusada de pôr em causa os valores morais estabelecidos, de retirar poesia à sexualidade, de, ao satisfazer a curiosidade, aumentar nos jovens a vontade de experimentar. Os adultos receiam que a educação sexual leve os jovens até fronteiras

mais avançadas, diferentes daquelas que os seus próprios conceitos morais aconselhariam.

Investigações levadas a cabo em liceus franceses parecem provar que não é assim. Em primeiro lugar verificou-se que, inicialmente, tanto os rapazes como as raparigas têm dificuldades em falar dos seus corpos. Depois, esse constrangimento diminui, e principalmente os mais jovens e as raparigas, aderem e passam a colaborar com interesse. Ao contrário do que se temia, nem a masturbação nem as relações sexuais aumentam nos jovens que frequentam os cursos, e os valores socioculturais neles inculcados pelas famílias não são alterados, excepto no que diz respeito à contracepção e ao aborto. Também nos Estados Unidos da América se comprovou que nos jovens que tinham recebido educação sexual a iniciação na vida sexual fora mais tardia e o número de abortos provocados menor.

Há quem, auto-atribuindo-se um espírito moderno e livre, olhe para o sentido ético do ensino sexual com desprezo, comparando-o ao lado mau da moralidade clerical ou vitoriana. Porém, este sentido pejorativo dado às regras morais deve ser vigorosamente negado. Elas são, indiscutivelmente, um apoio necessário para a saúde física e mental. Além disso, para lá do espírito teológico, os códigos morais, os mandamentos, são indispensáveis à sobrevivência das culturas.

Há, contudo, quem pense que a vida pode e deve ser vivida sem a preocupação de teorias e que só assim se encontrará o seu sentido. Mas pode, em suma, aprender-se a viver, tal como se aprende uma ciência — e a educação sexual é certamente um marco fundamental dessa aprendizagem.

J. M. R. A.